



Dossiê Conexões e redes da Fundação Rockefeller na América Latina

Como identificar um comunista? Programas de educação médica e a Fundação Rockefeller no Brasil da Guerra Fria

*Gilberto Hochman**

RESUMO

Este artigo aborda a contenção do comunismo como elemento central em programas da Fundação Rockefeller que visavam à modernização da educação médica no Brasil na década de 1950, a partir de parceria com a Capes. As fontes de pesquisa são os diários e a correspondência de Robert Briggs Watson, responsável no Brasil por esses programas entre 1954 e 1962. No escritório da Fundação Rockefeller, no Rio de Janeiro, programas foram formulados e supervisionados, e atividades políticas de candidatos a bolsas e auxílios foram investigadas a partir de uma rede de indivíduos e instituições. O artigo sublinha que a Guerra Fria se manifestou localmente por meio desses programas e discute o protagonismo da Rockefeller como ator político no Brasil, bem como o papel de indivíduos em processos institucionais e políticos mais amplos.

Palavras-chave: anticomunismo; Fundação Rockefeller; Capes; Medicina; Guerra Fria

How to Spot a Communist? Medical Education Programs and The Rockefeller Foundation in Cold War Brazil

ABSTRACT

The article addresses the containment of communism as a central element of the Rockefeller Foundation's programs in Brazil in the 1950s, which aimed to modernize medical education through a partnership with the National Campaign for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes). It draws on the diaries and correspondence of Robert Briggs Watson, who oversaw medical education and biomedical research in Brazil from 1954 to 1962. The Foundation's office in Rio de Janeiro formulated and supervised programs and investigated the political activities of candidates for grants and fellowships using a network

* Fundação Oswaldo Cruz / Centro de Documentação e História da Saúde (CDHS), Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: gilberto.hochman@fiocruz.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7834-336X>.

of individuals and institutions. The article highlights how the Cold War manifested itself locally through these programs and discusses Rockefeller's leading role as a political actor in Brazil as well as the role of individuals in broader institutional and political processes.

Keywords: Anticommunism; The Rockefeller Foundation; Capes; Medicine; Cold War

¿Cómo identificar un comunista? Programas de educación médica y la Fundación Rockefeller en Brasil durante la Guerra Fría

RESUMEN

Este artículo aborda la contención del comunismo como elemento central en programas de la Fundación Rockefeller que buscaban la modernización de la educación médica en Brasil en la década de 1950, a partir de un acuerdo con Capes (Coordinación para el Mejoramiento del Personal de Educación Superior). Las fuentes de investigación son los diarios y la correspondencia de Robert Briggs Watson, responsable en Brasil por estos programas entre los años 1954 y 1962. En la oficina de la Fundación Rockefeller, en Río de Janeiro, programas fueron formulados y supervisados, y actividades políticas de candidatos a becas y ayudas fueron investigadas a partir de una red de individuos e instituciones. El artículo subraya que la Guerra Fría se manifestó localmente por medio de estos programas y discute el protagonismo de la Fundación Rockefeller como actor político en Brasil y el papel de los individuos en los procesos institucionales y políticos más amplios.

Palabras clave: anticomunismo; Fundación Rockefeller; Capes; Medicina; Guerra Fría

A situação mundial na segunda metade deste século será amplamente determinada pelo que acontecer – política, econômica e culturalmente – na América Latina, na África, no Oriente Médio e na Ásia não comunista. Sem se envolver nos aspectos estritos da Guerra Fria, a Fundação pode assumir a responsabilidade de fazer o possível para ajudar esses países a construírem sociedades livres, uma tarefa que é crucial para os propósitos da própria Fundação¹.

¹ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Notes on Rockefeller Foundation Program*. Dean Rusk papers, Subject Files, Series 1, 22 mar. 1955. David Dean Rusk foi presidente da Fundação Rockefeller de 1952 até 1961, quando assumiu a chefia do Departamento de Estado nas administrações John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson, entre 1961 e 1969.

O fato é que dificilmente existe uma faculdade no Brasil que não tenha pelo menos um professor que está provavelmente associado ao comunismo².

Este artigo analisa como a contenção do comunismo foi uma orientação essencial dos programas da Fundação Rockefeller no Brasil na década de 1950. Baseia-se em documentação textual, principalmente em diários, correspondências e no depoimento de Robert Briggs Watson (1903-1978), encarregado dos programas de educação médica e pesquisa biomédica da organização filantrópica no Brasil e em países da América do Sul entre 1954 e 1962³. O artigo mostra como a Guerra Fria foi travada cotidianamente “no campo” e como Watson – e seu anticomunismo – tiveram impacto nos programas da Rockefeller no Brasil, fossem eles próprios ou desenvolvidos em cooperação com agências governamentais, particularmente com a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A Fundação Rockefeller tem sido compreendida como parte integrante da diplomacia cultural e científica estadunidense ao longo do século XX e como um ator político da Guerra Fria (Berman, 1983; Parmar, 2012; Zunz, 2012; Palmer, 2015). Entretanto, são raros os trabalhos, como, por exemplo, os de Hochman e Paiva (2020), Batista (2023) e Marinho *et al.* (2024), que se debruçaram sobre o seu *modus operandi* no Brasil dos anos 1950, seus circuitos políticos e mecanismos de filtragem ideológica. No escritório da Rockefeller no Rio de Janeiro, então capital federal, formulavam-se e supervisionavam-se programas e, também, averiguavam-se as atividades políticas dos candidatos a bolsas e auxílios de viagem, assim como de dirigentes de faculdades, institutos de pesquisa e departamentos universitários. Para além da checagem rotineira de informações, houve ações deliberadas de incentivo a professores e departamentos considerados “alinhados” que poderiam se contrapor aos considerados “subversivos”. As estratégias e os critérios foram estabelecidos *ad hoc* e foram, por vezes, flexíveis.

O artigo se alinha à bibliografia que busca “localizar” a Guerra Fria, enfocando os contextos locais e processos específicos, sejam regionais, nacionais ou subnacionais. Para além das disputas ideológicas e políticas e do potencial conflito bélico entre os EUA e a União Soviética, a chamada Guerra Fria Global (Westad, 2005) significou o seu deslocamento para as “margens”, para o Sul Global, a partir das dinâmicas sociais e culturais que incluíam a ciência, a tecnologia e a educação (Spenser, 2008). Assim, assistiu-se crescentemente ao

² ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de Robert Briggs Watson a John C. Bugher*. Rockefeller Foundation records, RG 1.2 – Project/Brazil, Series 305A, Box 10, Folder 92: Universidade de Minas Gerais (Faculdade de Medicina), 1954-ago. 1956, 25 jun. 1956, p. 1. Robert Briggs Watson foi o coordenador do Escritório da Fundação Rockefeller no Brasil de 1954 a 1962.

³ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers' Diaries*. Rockefeller Foundation records, RG 12, Robert Briggs Watson (1911-1992); *Reminiscences of Robert Briggs Watson*. Oral History Research Office, vols. I–III; *Project Files*. Rockefeller Foundation records, Collection 900, RG Hist, Series Watson; Rockefeller Foundation records, RG 1.2, Series 305 (várias caixas e pastas).

que alguns autores denominaram de “politização e internacionalização da vida cotidiana” na América Latina da Guerra Fria (Grandin, 2004; Joseph, 2008; 2019). Esse processo, ao mesmo tempo totalizante e localizado, demanda também uma análise do impacto que “atos individuais, decisões pessoais ou ações ao nível local adquiriram em meio à política da Guerra Fria” (Pieper Mooney; Lanza, 2013, p. 3).

Os diários dos funcionários da Rockefeller eram parte importante de suas responsabilidades e se constituíam como documentos oficiais. Tanto nos Estados Unidos quanto no exterior, eles realizavam visitas regulares a instituições de ensino, ciência e pesquisa, bem como laboratórios, com o objetivo de manter contatos e avaliar projetos em andamento. Além disso, mantinham diálogos com funcionários governamentais sobre a implementação de programas. Para garantir que essas interações fossem minuciosamente documentadas, eram mantidos diários que registravam suas impressões e comentários. Esses diários eram posteriormente enviados para Nova York e ficavam disponíveis para os diretores e demais funcionários⁴.

No diário de Robert Briggs Watson estão registradas, em linguagem informal, suas opiniões, conversas, notas de reuniões e relatos de viagem, avaliações e críticas, inclusive informações de caráter pessoal e familiar. Essa escrita é atravessada por subjetividades que proporcionam o acesso a dimensões de suas atividades que, registradas “no calor dos acontecimentos”, não são apreensíveis na documentação e correspondências oficiais, nos depoimentos concedidos posteriormente ou em textos memorialísticos. Outra fonte relevante é sua extensa correspondência que, mesmo com caráter mais formal, registra também opiniões e avaliações políticas. E, muitas vezes, trechos dessa correspondência são reproduzidos e comentados no próprio diário. Este inclui, quando pertinentes ao tema tratado, anotações manuscritas, apontamentos de diários e da correspondência de outros funcionários, assim como extratos do diário de Watson que estão anexados em outros diários. Os diários e a correspondência, que muitas vezes se entrecruzam, podem ser compreendidos como uma “escrita pessoal” que possibilita uma avaliação do peso das ideias e das idiossincrasias individuais em processos institucionais (Gomes, 2004). Nos escritos de Watson identifica-se um ânimo político e um léxico anticomunista que foram constitutivos das ações da Rockefeller e tiveram impactos sobre indivíduos, instituições e programas no Brasil da Guerra Fria.

Para desenvolver esses argumentos, a sequência deste artigo está dividida em três seções e considerações finais.

⁴ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *A guide to the Rockefeller Foundation records. Officers' Diaries*, RG 12, F-L (FA392), 2015, p. 4.

A Fundação Rockefeller no calor da Guerra Fria e da política brasileira

No dia 27 de janeiro de 1954, atracou no porto do Rio de Janeiro, então capital federal, o navio Del Mar, proveniente da cidade de Nova York. Dele desembarcou o médico e parasitologista estadunidense Robert Briggs Watson (1903-1978), designado para coordenar programas no escritório da Rockefeller encarregado de países da América do Sul, especialmente Brasil, Chile, Uruguai e Argentina. Com carreira internacional consolidada como funcionário de campo, Watson chegou a dirigir, entre os anos de 1946 e 1953, o escritório da então Divisão de Saúde Internacional (International Health Division – IHD) para o “Extremo Oriente”, localizado em Shanghai, na então República da China. Com a tomada da cidade pelo Exército Vermelho, em abril de 1949, o escritório foi transferido e seus funcionários evacuados para Macau, então território português, e, depois, para Bangalore, na Índia. Robert Briggs Watson assistiu *in loco* a episódios inaugurais da Guerra Fria, como a independência da Índia (1947), as lutas pela descolonização no continente asiático, a criação da República Popular da China (1949) e a Guerra da Coreia (1950-1953).

Esse testemunho foi coetâneo da segunda onda de “pânico vermelho” (*Red Scare*) nos EUA. A Lei de Segurança Interna (McCarran Act, 1950) e atos subsequentes obrigavam o registro, no Departamento de Justiça, de organizações consideradas comunistas e anti-americanas, ou infiltradas por comunistas, possibilitavam investigações e criavam listas de membros ou suspeitos. Estas incluíam cientistas, professores, artistas e intelectuais, estadunidenses e estrangeiros, e poderiam ser consultadas para detenção, impedimento de emprego em instituições governamentais, demissão, recusa de emissão de passaporte, concessão de visto e deportação (Wang, 1999; Schrecker, 1986). Em um ambiente de “caça às bruxas”, a Fundação Rockefeller, assim como outras fundações filantrópicas e educacionais, foi investigada por dois comitês especiais do Congresso Americano, os Comitês Cox (1952-1953) e Reece (1953-1954). As fundações foram acusadas de utilizar recursos dos contribuintes, por serem isentas de impostos, para financiar instituições e indivíduos supostamente comunistas ou antiamericanos, nos EUA e no exterior (Parmar, 2012; Zunz, 2012; Abrahamson; Hurst; Shubinski, 2013). Em suas respostas e depoimentos aos comitês, Dean Rusk, presidente da Fundação, registrou, em 1952, que não houve e não haveria “nenhuma concessão a comunistas em nenhuma circunstância”, se fosse possível identificá-los. Essa ressalva é importante, uma vez que a instituição não possuía “meios próprios de investigação” e seria questionável investir recursos para esse fim⁵. Em 1953, ele assegurou que a Rockefeller tinha como

⁵ UNITED STATES GOVERNMENT PRINTING OFFICE, Washington, DC. *Hearings Before the Select Committee to Investigate Tax-Exempt Foundations and Comparable Organizations, House of Representatives, Eighty-Second Congress*. 1953, p. 533-550.

política oficial não fazer “concessões a indivíduos ou organizações reconhecidamente comunistas” (Abrahamson; Hurst; Shubinski, 2013)⁶.

Os constrangimentos políticos impostos pela ameaça comunista colidiam com valores como a liberdade acadêmica e com o sistema de mérito. Também abalariam a confiança dos cientistas na Fundação Rockefeller, uma instituição que acolhera cientistas e artistas que fugiram da censura e da perseguição de países sob o jugo da Alemanha nazista e que, depois da Segunda Guerra, apoiava intelectuais exilados oriundos de países da Europa do Leste (Gemelli, 2000; Krige, 2006)⁷.

Ao desembarcar no calor da Guerra Fria e do verão carioca, esse *Rockefeller man* não imaginou que sua estadia seria longa e que as conjunturas brasileira e latino-americana turbulentas. Relembra, em depoimento, que, ao ser enviado ao Brasil em 1954, não havia um compromisso de estabelecer uma representação permanente no país, nem, necessariamente, deveria ser no Rio de Janeiro. Contudo, ficou evidente que a capital federal e o governo brasileiro ofereciam as melhores oportunidades para o estabelecimento de um escritório e de programas de modernização da educação médica⁸. As razões eram claramente geopolíticas: o país era o maior e mais populoso país da região e havia uma longa “tradição de serviço da Fundação no Brasil e uma amizade entre o nosso país e o Brasil a um nível não igualado em nenhum outro lugar da América do Sul, exceto possivelmente no Chile”⁹.

Watson permaneceu à frente do escritório até seu fechamento, em dezembro de 1962, e, durante nove anos, foi um diligente operador das políticas da filantropia e atento observador de momentos dramáticos da política nacional e latino-americana na primeira década da Guerra Fria – do suicídio de Vargas à Revolução Cubana, da construção de Brasília à renúncia de Jânio Quadros. Residiu no bairro de Ipanema, onde foi vizinho do ex-presidente Eurico Gaspar Dutra, escrevia “Brasil” com “s” em seu diário e cartas, tornou-se fluente em português e leitor de Machado de Assis. Foi influente interlocutor de políticos, diplomatas, burocratas, professores e cientistas, dirigentes de universidades, diretores de sociedades científicas e profissionais, de instituições de pesquisa, de agências no campo da ciência e da educação e de organismos internacionais.

⁶ UNITED STATES GOVERNMENT PRINTING OFFICE, Washington, DC. *Statement [by Dean Rusk, president] of the Rockefeller Foundation and the General Education Board before the Special Committee to Investigate Tax Exempt Foundations, House of Representatives, 83rd Congress*. 1954, p. 39.

⁷ Segundo o relatório do Comitê Reece, apenas 23 indivíduos e 2 organizações foram consideradas “suspeitos”, de um total de 29 mil auxílios e bolsas concedidos até 1954 (Abrahamson; Hurst; Shubinski, 2013).

⁸ COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES, Nova York. Oral History Archives at Columbia; Rockefeller Foundation Oral History Collection. *Reminiscences of Robert Briggs Watson*. Entrevista conduzida por Paul Hopper, 1968. Arquivo digital em formato WAV (96 kHz, 24 bit). Digitalizado pelo Safe Sound Archive, Filadélfia, 2010. Transcrição, p. 226-231. Disponível em: https://dlc.library.columbia.edu/time_based_media/10.7916/d8-9jeg-qz56. Acesso em: 15 jan. 2025.

⁹ *Ibidem*, p. 230. Trad. livre do autor: “that there had been and there still is, a tradition of Foundation service in Brazil and a friendship between our country and Brazil to an extent not matched elsewhere in South America save possibly in Chile”.

Esses interlocutores peregrinavam até o número 94 da Avenida Franklin Roosevelt, endereço do escritório no centro da cidade, para visitas de cortesia e solicitações de financiamentos e bolsas. Muitos buscavam agendar reuniões durante as dezenas de viagens de trabalho que o *officer* realizou por cidades brasileiras. Watson estabeleceu laços pessoais e profissionais com dirigentes e quadros dos Ministérios da Educação e da Saúde, como o educador Anísio Teixeira (1900-1971) e o médico-sanitarista Ernani Braga (1913-1984), que, inclusive, com ele trabalhou no escritório da Rockefeller de 1957 a 1961. Beneficiários de bolsas e auxílios da Fundação Rockefeller eram candidatos a fazer parte de uma rede confiável de alianças. Entre estes, destacava-se José Baeta Vianna (1894-1967), professor de bioquímica da Escola de Medicina da Universidade de Minas Gerais (hoje UFMG), ex-bolsista da Rockefeller e amigo de Watson (Marques; Silveira, 2015). Manoel José Ferreira (1897-1978), então professor da Faculdade Fluminense de Medicina, em Niterói, com larga experiência e influência na saúde pública brasileira, e que trabalhara em campanhas sanitárias da Rockefeller, era considerado “o mais antigo amigo da RF no Brasil”¹⁰. Essas interlocuções pessoais facilitavam a negociação de acordos, assim como a obtenção de informações sobre instituições e candidatos a seus cobijados recursos.

Ao instalar o escritório, Watson trazia novas orientações e demandas, a começar pelas de sua própria instituição. Em 1951, a Rockefeller fechou a IHD, em funcionamento desde 1913 em escala mundial e, desde 1916, no Brasil. Com a Guerra Fria se tornando global e com a criação da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1948, a Fundação reorientou objetivos e recursos de um envolvimento direto na saúde internacional para o apoio às ciências biomédicas e para a educação médica. Foram criadas a Divisão de Medicina e Saúde Pública (1951), desdobrada nas divisões de Pesquisa Biológica e Médica e de Educação Médica e Saúde Pública, em 1955 (Farley, 2004; Schneider, 2003; Birn, 2014; Fee; Cueto; Brown, 2019).

Do lado brasileiro, havia expectativas da comunidade médica e acadêmica em relação à manutenção e mesmo à expansão dos auxílios que coincidiam com a criação, também em 1951, da Capes, no âmbito do então Ministério da Educação e Saúde. A Capes, liderada por Anísio Teixeira como secretário-executivo, de 1951 a 1964, vislumbrava a Rockefeller como uma potencial parceira e financiadora, tanto para a estruturação de seus programas quanto para a expansão e modernização do ensino superior, isto é, mudanças na formação e na qualificação de professores universitários¹¹. Por sua vez, a filantropia estadunidense conside-

¹⁰ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [Extrato do diário de Robert Briggs Watson inserido nos diários de John C. Bugher]. Rockefeller Foundation records, Officers' Diaries, RG 12, Bugher, John C. (1911-1992).

¹¹ Há várias cartas de Anísio Teixeira para a direção da Rockefeller e para Watson que indicam o empenho e grande interesse da Capes. Cf., por exemplo: ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [Carta de Anísio Teixeira a John C. Bugher]. Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305E, Box 53, 19 out. 1955, f. 452.

rava essa parceria uma oportunidade para intervir na educação médica, reorientando-a para incluir a pesquisa biomédica, a medicina preventiva, as disciplinas pré-clínicas, o ensino e a carreira em tempo integral. O objetivo seria, lembrou Watson anos mais tarde, estabelecer um programa de bolsas “predominantemente de educação ou de apoio à investigação, relacionado com a medicina no sentido clínico e não com a medicina no sentido de apoio ao trabalho de saúde pública ou à escola de saúde pública”¹². Isto é, visava consolidar e expandir a hegemonia do “método americano” e formar novas e jovens lideranças, e não mais “fazer saúde pública”. Seria também uma contraposição à crescente divulgação da ciência e da medicina estatal da União Soviética na América Latina (Miranda, 2023).

O foco não recairia nas tradicionais escolas de medicina do Rio de Janeiro e de Salvador. A ênfase seria dada a escolas médicas mais novas, consideradas predispostas a inovações e à adoção do tempo integral, como, por exemplo, a Escola Paulista de Medicina (EPM), a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, vinculada à Universidade de São Paulo (Marinho *et al.*, 2024; Batista, 2024), e a escola médica da Universidade do Rio Grande do Sul. E seriam mantidos os tradicionais apoios à escola de Belo Horizonte e à Faculdade de Medicina da USP. Os novos institutos de pesquisa da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), independentes da Faculdade de Medicina, como o Instituto de Biofísica e o Instituto de Microbiologia, também seriam prioritários.

O escritório do Rio de Janeiro se encontrava apenas a meio quilômetro da Embaixada Americana, do prédio do Ministério da Educação e do Aeroporto Santos Dumont. Mais que um acaso geográfico, ele se constituiu em espaço político para o qual confluíram a educação médica, a dinâmica da experiência democrática brasileira, as diretrizes da Rockefeller em Nova York e as orientações e ações do Departamento de Estado a partir de Washington, D.C. Nesse emaranhado de interesses, nem sempre convergentes, decisões foram tomadas, orientações seguidas e, muitas vezes, reformuladas *in situ*, a partir da interação dos funcionários da Rockefeller com seus interlocutores brasileiros e estadunidenses, à luz da política nacional e internacional dos anos 1950.

O anticomunismo, como ideologia e política, foi um dos elementos que alinhavou esses interesses e expectativas. Como indica Motta (2020), o anticomunismo tinha raízes bem estabelecidas no Brasil antes da Guerra Fria e era partilhado por importantes setores da sociedade brasileira, tais como elites econômicas e políticas, a imprensa, os militares e a Igreja Católica. Além disso, contava com um aparato de vigilância e repressão ao “perigo vermelho”, criado nos anos 1930 e reforçado pela promulgação da Lei de Segurança Nacional em 1953 (Reznik, 2004). Apesar de proscrito em 1947, o Partido Comunista (PCB)

¹² COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES, Nova York. Oral History Archives at Columbia; Rockefeller Foundation Oral History Collection. *Reminiscences of Robert Briggs Watson*. Entrevista conduzida por Paul Hopper, 1968. Arquivo digital em formato WAV (96 kHz, 24 bit). Digitalizado pelo Safe Sound Archive, Filadélfia, 2010. Transcrição, p. 228. Disponível em: https://dlc.library.columbia.edu/time_based_media/10.7916/d8-9jeg-qz56. Acesso em: 15 jan. 2025.

continuava ativo na clandestinidade, conhecendo ciclos de repressão até meados da década de 1950 e, depois, de maior tolerância política até 1964. No pós-Segunda Guerra Mundial e com a democratização do país, era significativa a presença e a influência do PCB nos campos da cultura, da ciência e da saúde, em cujos espaços institucionais Watson teria que trafegar (Napolitano; Czajka; Motta, 2013; Hochman; Paiva, 2020). Pouco após a sua chegada no Brasil, Watson já registrava em seu diário que as quatro escolas de medicina no Rio de Janeiro resistiriam a reformas da educação médica, especialmente propostas ou apoiadas pela filantropia estadunidense. Atribuía esse fato à “influência comunista”: “O comunismo no Rio é forte e tem membros importantes entre os intelectuais, especialmente os médicos”¹³.

A identificação de comunistas implicava num desafio adicional para os funcionários da Rockefeller, principalmente no exterior, fosse na Europa ou na América Latina (Krige, 2006; Mueller, 2013; Barany, 2016; Benest, 2022)¹⁴. À primeira vista, deveria fazer parte dos procedimentos recomendados para suas rotinas: análise das trajetórias científicas, consultas aos “cartões de registro de bolsistas da Fundação Rockefeller”¹⁵, impressões e comentários registrados nos diários e na correspondência de outros funcionários, contatos diretos com os candidatos, com seus colegas e superiores hierárquicos (Barany, 2019). Warren Weaver, longo tempo diretor da Divisão de Ciências Naturais (1932-1955), recomendava, em 1946, aos *field officers* uma aproximação com os candidatos, tal como “visitar, durante viagens, o cientista em sua própria casa” e conversar com eles “em seus laboratórios, sentando em seus bancos e fumando com eles”¹⁶.

Contudo, essas orientações não seriam suficientes para a identificação de vinculações políticas e ideológicas, e não poderia transparecer que o mérito de candidatos e instituições, proclamado como central nas avaliações, seria alvo de interferências não acadêmicas. A obtenção de informações confiáveis, muitas vezes, deveria ser feita por meio de canais informais e reservados sobre a atuação política, presente e pregressa, de candidatos “suspeitos”. Essa informação deveria ser obtida mesmo se, eventualmente, a filiação política não fosse um impedimento, por exemplo, para seus parceiros e interlocutores nacionais e estadunidenses. Afinal, havia países nos quais a Rockefeller atuava e nos quais os partidos comunistas eram legais, como a França e a Itália.

¹³ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [Extrato do diário de Robert Briggs Watson inserido nos diários de John C. Bugher]. Rockefeller Foundation records, Officers' Diaries, RG 12, Bugher, John C. (1911-1992).

¹⁴ Matérias ensinando como reconhecer comunistas (“How to spot a communist?”) foram publicadas em jornais e revistas de largo alcance nos EUA na década de 1940 e 1950; panfletos com o mesmo teor foram distribuídos (Lamont, 1956, p. 206-208).

¹⁵ Os Fellowships Recorder cards ofereciam acesso a informações básicas resumidas sobre cada bolsista, além de anotações relevantes sobre cada um constante em outros documentos (Korndörfer, 2016).

¹⁶ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Notes on Officers' Techniques (Natural Sciences)*. Rockefeller Foundation records, Series 3, Warren Weaver papers, Box 13, Folder 166, 1946 (rev. 1949), p. 17.

Frente a esses desafios, a Fundação Rockefeller operou uma manobra discursiva para inverter o ônus da introdução da política na ciência (Krige, 2006). Um pesquisador, membro de um partido comunista e, por conseguinte, seguidor das orientações de Moscou, não poderia ser um bom cientista, pois sua prática estaria subordinada à ideologia e não à busca da verdade (Krige, 2006, p. 146-148). Ao negar apoio a cientistas identificados como comunistas, reforçaria a excelência científica como critério fundamental, pois seriam eles, os cientistas, que se desqualificaram ao se filiarem a partidos comunistas. Em um segundo ajuste, mais adaptativo, buscava distinguir socialismo e comunismo como filosofias – eventualmente toleráveis para uma organização com valores liberais – de uma militância antiamericana, comunista e internacionalista, considerada inaceitável. Esses argumentos estiveram presentes nos registros e nas ações da Fundação Rockefeller no Brasil.

Modernizar a educação médica e conter o comunismo: como fazer?

Uma semana após o suicídio de Vargas, em meio a comentários sobre as tensões e os tumultos ocorridos na capital federal, Watson registrou em seu diário que convidara para almoçar Rudolph Atcon, consultor estadunidense que assessorava Anísio Teixeira na Capes. A intenção era discutir uma proposta de cooperação “para melhorar a educação médica, especialmente as ciências pré-clínicas”¹⁷. A Fundação Rockefeller desenvolvia outros programas em diferentes áreas do conhecimento, inclusive para estágios nos EUA e em outros países (*travel grants*), independentemente de acordos com agências governamentais¹⁸. Essa proposta, discutida desde o início de 1954, se distinguiu por implicar em um novo formato de cooperação com o governo brasileiro.

Apesar da convergência de interesses, havia uma preocupação com a sustentação da cooperação com uma agência recém-criada, sem garantias de estabilidade administrativa e orçamentária, especialmente diante da crise política que se seguiu ao fim do Segundo Governo Vargas. Todavia, Watson avaliou que a Capes era

a agência do governo federal com a qual poderíamos cooperar melhor em qualquer tipo de programa nacional – no momento, está fora da política e seu diretor (Anísio Teixeira) tem a confiança do Ministério da Educação e de todos os demais, pelo que fique sabendo¹⁹.

¹⁷ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers' Diaries*. Rockefeller Foundation records, RG 12, Watson, Robert Briggs, 1946-1966. Rio de Janeiro, 30 ago. 1954, p. 212.

¹⁸ Entre 1951 e 1953, a então Divisão de Medicina e Saúde Pública (1951-1955) tinha concedido 11 auxílios para professores brasileiros na área de medicina e enfermagem. Cf. ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Fellowships and Travel and Training Grants – Division of Medicine and Public Health for 1953*. C4-IHD Fellowships, 1951-1953. A Fundação também apoiou programas nas áreas de enfermagem, farmácia, ciências agrícolas e humanidades que não são objeto deste artigo (Batista; Ferreira, 2024).

¹⁹ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers' Diaries*. Rockefeller Foundation

As expectativas eram positivas também pela presença do médico Almir de Castro, ex-bolsista da Rockefeller, como diretor de programas da Capes, e de Ernani Braga, que havia sido transferido para a Capes. A negociação para um programa de educação médica se estenderia por um ano, pois os desafios eram grandes em termos de recursos e de abrangência. Em 1954, havia cerca de 23 escolas de medicina no país, parte das quais estava sendo federalizada desde 1950, passando a integrar universidades públicas. Cogitava-se o crescimento desse número, que, de fato, ocorreu durante a presidência do médico Juscelino Kubitschek (1956-1961); contudo, era limitada a capacidade da Capes em oferecer bolsas e auxílios.

Em agosto de 1955, o memorando de cooperação foi enviado por Watson a Anísio Teixeira. Inicialmente, previa a concessão de, no máximo, 150 bolsas em três anos, para que professores de faculdades de medicina estagiassem por um ano em universidades e institutos de pesquisa brasileiros considerados, pelas duas instituições parceiras, os mais capacitados nos campos das ciências médicas básicas. Essa cooperação se daria no âmbito do Programa Universitário (PGU) da Capes, cujo objetivo era apoiar o desenvolvimento das universidades. Caberia à Capes a gestão administrativa, acadêmica e orçamentária, e os recursos financeiros seriam da Rockefeller. A previsão inicial de até 225 mil dólares, e a renovação anual do programa dependeria de avaliações a partir de relatórios trimestrais das atividades e despesas²⁰. Seguindo o padrão histórico de sua atuação, a Fundação apoiaria financeiramente o programa por um período determinado que, uma vez findo, seria assumido integralmente pela Capes.

Pelas regras estabelecidas, poderiam ser apresentadas candidaturas individuais ou indicações por chefes de departamento e diretores das instituições que enviariam e das que receberiam bolsistas. Todo o processo de inscrição, seleção e avaliação de candidatos, assim como o pagamento das bolsas, seria realizado pela Capes. No entanto, desde o início das negociações, Watson, apoiado pela direção em Nova York, deixou claro que a Fundação não seria apenas uma financiadora do programa. Ela compartilharia o processo de seleção e a distribuição dos candidatos pelas instituições que ofereceriam os treinamentos.

John C. Bugher, que assumira a direção da Divisão de Educação Médica e Saúde Pública (1955-1959), escreveu a Watson reforçando o entendimento “que toda a seleção deve ser feita em cooperação com o representante [da Fundação], que é você”. Acrescentou um ponto fundamental, não explícito no acordo: “isso significa que a Fundação Rockefeller tem, efetivamente, poder de veto”²¹. E fez uma pergunta em nome da direção da Rockefeller:

records, RG 12, Watson, Robert Briggs, 1946-1966. Rio de Janeiro, 30 ago. 1954, p. 212. Trad. livre do autor: “to be the agency at the federal level with whom we could cooperate best in any sort of national program – it is extra-political at the moment and its director (Anísio Teixeira) has the confidence of the Ministry of Education and everyone else, so far I can find out”.

²⁰ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [Memorando]. Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305E, Box 53, Folder 452.

²¹ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [Carta de John C. Bugher a Robert Briggs Watson]. Rockefeller Foundation records, RG 1.2, Project Brazil, Series 305A, Box 10, Folder 92, Univ.

“alguma universidade brasileira estaria preparada para atestar que os seus candidatos a essas bolsas não eram comunistas [?]”²². Solicitou que Watson avaliasse se isso implicaria “alguma responsabilidade adicional que nos possa causar sérias dificuldades de alguma forma?”²³. As perguntas indicavam apreensões com a possibilidade de concessão de bolsas a comunistas. Todavia, havia o temor de que o papel de Watson na identificação desses candidatos, e o conseqüente exercício do poder de veto, fosse mal recebido pela comunidade universitária e pelo governo brasileiro, podendo ainda ser explorado pela propaganda antiamericana. Esses esclarecimentos seriam importantes, pois o Comitê Executivo da Fundação se reuniria em outubro de 1955 para aprovar definitivamente as bases da cooperação.

Em uma longa resposta, remetida na semana seguinte, Watson confirmou, em linguagem direta, o entendimento de seu chefe, mas apontou outros problemas: “Aprovarei, ou rejeitarei, cada candidato a uma bolsa selecionada pela Capes. Isto significa que mantemos o poder de veto sobre todas as seleções”²⁴. Confessa que a busca de informações sobre os vínculos políticos dos candidatos o preocupava: “O fato de termos poder de veto sobre a seleção de um candidato coloca uma clara responsabilidade sobre mim: a minha aprovação de um candidato indica a minha convicção de que o candidato não tem filiações comunistas”²⁵. Ainda que não identificasse problemas em recentes concessões, confessou que “ter responsabilidade perante a RF nesse assunto causou-me muita ansiedade”²⁶. Afinal, um erro de avaliação poderia ter custos políticos significativamente elevados no Brasil e nos EUA.

Sobre a capacidade de as universidades certificarem seus candidatos como não comunistas, Watson respondeu com um categórico “não”. E advertiu Bugher de que “a Capes não pode sequer levantar a questão formalmente, porque não há base legal para isso e, de fato, há uma base legal contra essa questão”, isto é, ser comunista não poderia ser um argumento para a denegação de uma bolsa em um programa governamental²⁷. Entretanto, assegurou

de MG Fac. Med., ago. 1954-ago. 1956. Trad. livre do autor: “that all selections would be made with the concurrence of the representative, who is yourself. This would mean that the Rockefeller Foundation has actually a veto power”.

²² *Ibidem*. Trad. livre do autor: “Whether any Brazilian university would be prepared to certify that its nominations for such fellowships were known not communists.”

²³ *Ibidem*. Trad. livre do autor: “does this carry any enhanced responsibility that would give us serious difficulty in any way?”.

²⁴ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [Carta de Robert Briggs Watson a John C. Bugher]. Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305E, Box 53, Folder 452. 17 out. 1955, p. 1.

²⁵ *Ibidem*. Trad. livre do autor: “The fact that we have veto power over the selection of a candidate places a certain responsibility upon me: my approval of a candidate indicates my conviction that the candidate has no communists’ affiliations”.

²⁶ *Ibidem*, p. 2. Trad. livre do autor: “the fact that I have a responsibility to the RF in this regard has caused me a lot of anxious thought”.

²⁷ Estavam informados por algumas jurisprudências e decisões do Supremo Tribunal Federal na década de 1950 que consideraram que ser ou se declarar comunista, em si, não seria crime. O crime seria caracterizado quando o indivíduo, “via partido ou organização, exerce atividades contrárias à segurança do Estado ou à ordem política e social”. Por exemplo: BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Apelação Criminal n. 1439/

que a direção da Capes estava totalmente alinhada com a posição da Fundação Rockefeller nesse tema, isto é, de não conceder auxílios a comunistas como uma regra não escrita²⁸.

Nos casos de bolsas para os EUA, o filtro político era a concessão, ou não, de visto pelos consulados. Esses teriam melhores condições de averiguação, pois podiam acionar oficialmente as agências de inteligência e investigação estadunidenses. Watson ressaltou que, em casos de dúvida em programas no Brasil, consultava pessoalmente a Embaixada no Rio de Janeiro. Todavia, considerava que essa filtragem não funcionava a contento, pois era morosa e, por vezes, não detectava comunistas: “É necessário muito tempo para autorizar uma pessoa e, em última análise, a responsabilidade da autorização é minha, com base nas evidências apresentadas pela Embaixada”²⁹.

Fora do âmbito do acordo com a Capes, mas com implicações diretas sobre ele, estavam os financiamentos diretos a departamentos, escolas de medicina e institutos de pesquisa, que implicariam na averiguação da filiação político-ideológica de todos os professores. Segundo Watson, para tornar o processo mais célere e com menos custos, a Embaixada propusera que, se o diretor/reitor fosse certificado como não comunista, por conseguinte, todo o departamento ou a faculdade deveria ser considerado elegível. Watson desconfiava da eficácia desse critério e informava que os diretores das escolas de medicina de Belo Horizonte e de Ribeirão Preto (USP) tinham sido “aprovados”, mas isso não garantiria que todo o corpo docente estaria livre de suspeição. Como um bom “combatente” da Guerra Fria, considerava que, embora a faculdade em Belo Horizonte fosse considerada elegível para receber recursos, uma vez que seu diretor fora aprovado, “nós próprios excluímos certos elementos que não foram mencionados pela Embaixada, e o diretor sabe disso e por que razão”³⁰. Em várias ocasiões, Watson conjecturava sobre a qualidade das informações fornecidas pela Embaixada e pelos consulados de seu país.

Para superar sua ansiedade e essas dificuldades, Watson apresentou um roteiro de procedimentos. Segundo ele, a presença de Ernani Braga na Capes era valiosa, pois possuía inúmeras relações no campo da medicina e da saúde pública, capazes de tornar mais acuradas as informações sobre candidatos considerados suspeitos: “Ele viveu e trabalhou em quase todo o Brasil e conhece bem pelo menos uma pessoa responsável em cada cidade onde pensamos

SP. Acórdão. Publicado em 14 dez. 1950. (STF, repositório da jurisprudência: sjur 17487). Disponível em: <https://jurisprudencia.stf.jus.br/pages/search/sjur17487/false>. Acesso: 20 jun. 2025.

²⁸ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [*Carta de Robert Briggs Watson a John C. Bugher*]. Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305E, Box 53, Folder 452, [17 out. 1955], p. 3. Trad. livre do autor: “Capes cannot even raise the question formally, because there is no legal basis for it and, in fact, there is a legal basis against such question”.

²⁹ *Ibidem*, p. 2. Trad. livre do autor: “I have not been too happy with the way this system has worked: a good deal of time is required to clear a person and in the final analysis the responsibility of clearance is mine, upon the basis of evidence submitted by the Embassy”.

³⁰ *Ibidem*, p. 3. Trad. livre do autor: “we ourselves ruled out to certain elements there which were not mentioned by the Embassy and the dean know this, and why”.

em apoiar uma escola de medicina ou uma pessoa associada a ela”³¹. Outra facilidade era que, no campo médico, os que eram ou teriam sido comunistas eram bem conhecidos e, desse modo, seus colegas de trabalho, assistentes e estudantes poderiam ser facilmente “identificados e investigados”. Porém, havia uma zona cinzenta na qual a identificação era mais difícil, tanto por conta da clandestinidade do PCB e de suas organizações como também pelas incertezas em relação aos conhecidos ou autodeclarados ex-comunistas. Não podendo contar com um aparato investigativo e desconfiado das informações fornecidas pelos diplomatas, as bases informais para o exercício do poder de veto pela Rockefeller deveriam ser outras. Para além da Embaixada e dos consulados, uma rede confiável e anticomunista se conformaria com dirigentes da Capes e das universidades, com ex-bolsistas, com membros da comunidade médica brasileira e se somaria às informações que circulavam na imprensa e nos bastidores da burocracia, da política e da polícia. Esse roteiro deveria permanecer sigiloso, para não comprometer a confiança dos candidatos na lisura da Capes, assim como para impedir processos judiciais e propaganda antiamericana. Nos casos mais complexos, Watson consultava seu superior em Nova York, John C. Bugher, e até mesmo o presidente Dean Rusk. Dado o caráter confidencial, politicamente sensível e potencialmente ilegal desses procedimentos, Watson informou a seu chefe que não os registraria em seu diário nem em outras correspondências, o que nem sempre ocorreu.

Em outubro de 1955, a Fundação Rockefeller comunicou oficialmente a Anísio Teixeira a aprovação do programa cooperativo para treinamento de professores de faculdades de medicina, a ser iniciado no início de 1956. Em correspondências posteriores, Teixeira foi informado de que recursos haviam sido alocados para dois anos e deveriam ser utilizados para custear até 50 bolsas de estudo e as despesas de viagem dos representantes da Capes na fase de entrevistas com os candidatos. A continuidade do programa dependeria de avaliação ao final do primeiro período³². Em seu boletim de fevereiro de 1956, a Capes anunciou que

dentro do plano de cooperação entre a Fundação Rockefeller e a Capes, para concessão de bolsas de aperfeiçoamento no país, nas especialidades relativas às cadeiras básicas da Medicina, está prevista a concessão de bolsas para estágio junto a diversos Institutos de nossas principais Escolas e Faculdades³³.

³¹ *Ibidem*, p. 2. Trad. livre do autor: “He has lived and worked over most of Brazil and is well-acquainted with at least one responsible person in each city where we have any thought of supporting a medical school or person associated with it”. Em 1957, Braga foi contratado para trabalhar como assistente de Watson no escritório da Rockefeller.

³² ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de Flora M. Rhind a Anísio Teixeira*. Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305E, Box 53, Folder 452, 31 out. 1955, p. 1.

³³ CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Boletim*, n. 35, fev. 1956. Rio de Janeiro: Capes, 1956. p. 8.

Esse programa cooperativo foi considerado concluído pela Rockefeller em 1959. Não tendo logrado sua renovação, Anísio Teixeira solicitou sua extensão, que foi aprovada até 1960. Decorridos os três anos estabelecidos para a cooperação da Rockefeller com o Programa Universitário (PGU) da Capes, os relatórios da Capes apontam que, em meados de 1959, 112 bolsas haviam sido concedidas a professores e assistentes de 12 estados e do Distrito Federal, mais da metade oriundos do Pará, de Pernambuco, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Essas bolsas estavam vinculadas a projetos de apoio a escolas de medicina, também concentrados nesses estados. Estagiaram, majoritariamente, em diferentes centros e faculdades da USP, da Universidade do Brasil, da EPM e da UFMG, nas áreas de anatomia, biofísica, bioquímica, cirurgia torácica, clínica médica, farmacologia, fisiologia, histologia e embriologia, microbiologia, parasitologia e patologia³⁴. Esses números e informações sobre o desempenho do programa, considerados positivos por ambas as instituições, ocultavam decisões políticas na seleção dos bolsistas e das instituições envolvidas.

A Fundação Rockefeller no *front* da Guerra Fria: combatentes, aliados e inimigos

A preocupação com a identificação de candidatos suspeitos percorria todos os programas da Rockefeller. A vigilância era rotineira, muitas vezes antes mesmo da submissão formal das candidaturas para bolsas e solicitações de financiamento institucionais à Capes ou à Rockefeller. Esta mobilizaria suas redes no Brasil não somente para a filtragem política, mas também para contribuir na contenção dos comunistas nas universidades e instituições de pesquisa e, por conseguinte, acreditava-se, na sociedade brasileira.

Em meados de 1956, com o programa da Capes em andamento, Robert Briggs Watson apresentou a John C. Bugher as questões políticas envolvidas no apoio direto às escolas de medicina. Apesar de reconhecer que “a justificativa das propostas deveria ser feita em termos de educação médica e de investigação médica”, disse-se obrigado a fazer considerações “sobre as possíveis implicações políticas de certos projetos, porque essas implicações são importantes”. E apresentou as expectativas do Departamento de Estado em relação ao papel da Rockefeller no Brasil:

Há dois estados no Brasil onde o comunismo tem feito grandes incursões no governo em todos os níveis: Pernambuco e Minas Gerais. No primeiro estado, particularmente no Recife, tem havido uma grande tentativa de fomentar sentimentos negativos contra os Estados Unidos e tudo o que eles representam. Na opinião da Embaixada aqui, uma agência privada como a

³⁴ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. [Documentos diversos]. Rockefeller Foundation records, RG 1.2, Series 305E, Box 53, Folders 452-454. Em 1959, a Rockefeller incorporou a esse PGU a concessão de bolsas para docentes de enfermagem.

Fundação Rockefeller, sem vínculos políticos, pode desempenhar um papel muito importante na luta contra o comunismo. Um apoio substancial da nossa parte a uma instituição, como uma escola de medicina, em um lugar como o Recife, contribui muito para neutralizar a propaganda comunista contra os Estados Unidos³⁵.

Essas escolhas eram políticas, e Watson empreenderia esforços para convencer Nova York de que algumas batalhas eram importantes, como apoiar a Escola de Medicina de Pernambuco. A faculdade de Belo Horizonte já contava, e continuaria contando, com auxílios da Rockefeller, em especial a partir da presença de Baeta Vianna (Marques; Silveira, 2015). Havia eventuais fricções entre as próprias representações diplomáticas dos EUA no Brasil e o próprio representante da Rockefeller. Em já citada carta a Bugher, Watson demonstrou irritação e desconfiança em relação ao cônsul americano em Recife. Este avaliava que a Fundação, ao investir na escola de Recife, estaria alimentando “um ninho de comunistas”. Watson, que visitara a escola, considerou essa informação equivocada e decidiu manter os recursos para 1956, mas demandou uma investigação mais apurada e célere por parte do consulado.³⁶

As preocupações com o crescimento do comunismo e as expectativas sobre o papel da Rockefeller faziam parte da conversa de Watson com políticos, fossem conservadores ou liberais. Em conversa com Adauto Lúcio Cardoso (1904-1974), deputado da UDN pelo Distrito Federal³⁷, Watson detalhou suas preocupações com a instabilidade que se seguiu à eleição e à posse de Juscelino Kubitschek. Segundo ele, a inflação e as manifestações estudantis facilitavam a ascensão do comunismo:

Como ex-residente da China nos dias que antecederam a tomada do país pelo comunismo militante, não pude deixar de constatar, no Brasil, fatores que observei na China e que julguei terem contribuído para a entrada do comunismo³⁸.

³⁵ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de Robert Briggs Watson a John C. Bugher*. Rockefeller Foundation records, RG 1.2, Series 305A, Box 11, Folder 106: University of Recife (Faculty of Medicine), 1954-1957, 10 jul. 1956, p. 1. Trad. livre do autor: “There are two states in Brazil where communism has made major inroads into government at all levels: Pernambuco and Minas Gerais. In the former state, particularly in Recife, there has been a major attempt to foment bad feelings against the United States and all it stands for. In the view of the Embassy here, a private agency such as The Rockefeller Foundation, with no political ties, can play a very important role in the fight against communism. Substantial support by ourselves to an institution, such as a medical school, in a place like Recife does much to counteract communist propaganda against the United States”.

³⁶ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de Robert Briggs Watson a John C. Bugher*. Rockefeller Foundation records, RG 1.2, Project Brazil, Series 305A, Box 10, Folder 92, Univ. de MG Fac. Med., ago. 1954-ago. 1956.

³⁷ Cardoso foi presidente da Câmara dos deputados (1966-1967) e Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) entre 1967 e 1971.

³⁸ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers' Diaries*. Rockefeller Foundation records, RG 12, Officers' Diaries, Box 495, Folder “Robert Briggs Watson, 1956”, f. 141-142. Trad. livre do autor: “As an ex-resident of China in the days just before militant communism took over the country, I could not avoid noting

O deputado discordou dessa análise, afirmando que a influência do PCB sobre os estudantes estava sendo superestimada e que o maior perigo seria a infiltração no Exército e em partidos políticos, tais como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Também considerava que a propaganda anticomunista dos EUA no Brasil não era satisfatória e sugeria que se fizesse mais publicidade do trabalho da Fundação Rockefeller, como um exemplo do que o “capitalismo esclarecido” (*enlightened capitalism*) poderia realizar³⁹. Em suas notas, Watson se revelou mais anticomunista do que Cardoso, e se convenceu apenas parcialmente dos argumentos que minimizavam a presença do PCB entre estudantes. Em linguagem áspera e combativa, escreveu que não poderia “descartar, devido à minha alergia ao comunismo, e ódio a ele, qualquer uma de suas influências no Brasil”⁴⁰.

A alergia ao comunismo derivava da experiência como funcionário da Divisão Internacional de Saúde (IHD) na China, durante a guerra civil que resultou na fundação da República Popular da China em 1949, e de acompanhar, em seguida, a Guerra da Coreia (1950-1953) a partir do escritório regional na Índia. O principal inimigo de Watson no Brasil, e, por conseguinte, da Fundação Rockefeller, foi Samuel Barnsley Pessoa (1898-1976). Catedrático de parasitologia médica da Faculdade de Medicina da USP (1930-1955), bolsista do IHD nos anos de 1920, publicou em 1946 o principal livro-texto de parasitologia médica, adotado, em suas várias edições, por todas as escolas de medicina até os anos 1970. Pessoa foi o mais influente professor de parasitologia e medicina tropical da segunda metade do século XX, formando e influenciando centenas de médicos por meio de seu laboratório, suas aulas, seu trabalho de campo e seu manual de parasitologia. Após se aposentar em 1955, trabalhou em diferentes faculdades de medicina no Nordeste, em muitas das quais criou departamentos de parasitologia médica.

Todos esses predicados foram anulados a partir do momento em que Pessoa se filiou ao PCB, nos anos de 1940. Concorreu, sem sucesso, a uma cadeira de deputado constituinte pelo partido em São Paulo. Preso algumas vezes e amigo do secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, ele participou de inúmeras manifestações antiamericanas e foi dirigente dos movimentos brasileiros pela paz e contra armas nucleares, vinculados ao Conselho Mundial da Paz, organização com fortes laços com o Partido Comunista da União Soviética. Estudioso das doenças do mundo rural, propugnava que a reforma agrária e o fim do latifúndio seriam as condições para que a medicina pública pudesse eliminá-las. Ainda que profundamente antiamericano, Pessoa reconhecia o papel positivo da Fundação Rockefeller na saúde pública brasileira (Hochman, 2015; Hochman; Paiva, 2020).

in Brasil factors which I had observed in China and which I thought hastened the entry of communism”.

³⁹ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers’ Diaries*. Rockefeller Foundation records, RG 12, Officers’ Diaries, Box 495, Folder “Robert Briggs Watson, 1956”, f. 141.

⁴⁰ *Ibidem*. Trad. livre do autor: “I cannot discount, because of my allergy to communism, and hatred of it, any of its influence in Brasil”.

Em 1952, a República Popular da China e a Coreia do Norte, com o apoio da União Soviética, acusaram os EUA e seus aliados de empregarem armas biológicas (*germ warfare*) durante a Guerra da Coreia. Após a recusa dos acusadores em aceitar comissões de investigação da Organização das Nações Unidas e da Cruz Vermelha, o Conselho Mundial da Paz e a Academia de Ciências da China formaram uma comissão composta por cientistas de diversas nacionalidades, todos associados a movimentos internacionalistas e comunistas. Em virtude de seu prestígio como parasitologista e de sua militância política, Pessoa foi convidado a integrar a Comissão Científica Internacional para a Investigação dos Fatos Relativos à Guerra Bacteriológica na Coreia e na China (ISC) (Hochman; Paiva, 2020).

Em junho e agosto de 1952, em meio ao conflito, a comissão visitou a Coreia do Norte e a China e foi recebida por suas autoridades máximas, incluindo Kim Il-sung, Mao Zedong e Zhou Enlai. Além disso, coletou amostras, realizou entrevistas e interrogou dois pilotos norte-americanos, prisioneiros de guerra que, supostamente, teriam confessado o lançamento de material biológico em território norte-coreano e chinês. O relatório final foi divulgado em Beijing, em fins de agosto de 1952, confirmando o uso de armas biológicas pelas forças norte-americanas e aliadas contra a população civil. Essa grave acusação, nunca efetivamente comprovada, contou com ampla cobertura da imprensa internacional e inseriu Samuel Pessoa no centro da Guerra Fria e na lista de inimigos dos EUA (Hochman; Paiva, 2020).

Embora a controvérsia tenha arrefecido a partir de 1956, o envolvimento de Pessoa em um dos episódios “mais quentes” da Guerra Fria teve consequências longevas para ele, seus alunos e assistentes. Tornou-se alvo de críticas da imprensa brasileira, da vigilância da polícia política brasileira e dos órgãos de informação estadunidenses. O também parasitologista Robert Briggs Watson o tinha como seu “principal inimigo”, pois Pessoa teria participado de uma farsa para acusar os EUA de crimes de guerra. Para Watson, Pessoa, um “comunista declarado”, era um exemplo da penetração do comunismo nas escolas de medicina e de “traição” à ciência e à Rockefeller, que o apoiara no passado. Watson ecoava a argumentação utilizada pela Rockefeller para não financiar cientistas que fossem comunistas: “P. foi para a China na comissão da ‘guerra bacteriológica’, prostituindo assim sua inquestionável capacidade científica como parasitologista (e invalidando-a) com a sua crença política”⁴¹. Comunismo e ciência seriam incompatíveis.

A Fundação Rockefeller foi sondada sobre a possibilidade de Samuel Pessoa, aposentado na FMUSP em 1955, ser contratado pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, historicamente por ela apoiada. A vaga era de Amílcar Viana Martins (1907-1990), professor de parasitologia e comunista, que havia sido nomeado por Kubitschek para um cargo no Mi-

⁴¹ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Fellowship Card de Samuel B. Pessoa*. Rockefeller Foundation records, RG 10.2, Fellowship Cards, Box MNS, Folder Brazil/Pessoa. Trad. livre do autor: “P. went to China on ‘germ warfare’ commission, thus prostituting his undoubted scientific ability as a parasitologist (and invalidating it) to his political beliefs”.

nistério da Saúde. “A RF não aprova P. nem dará apoio a ele”⁴² é um registro que Watson fez em sua correspondência com Nova York. O temor de que a contratação de Pessoa ameaçaria o apoio da Rockefeller à Faculdade de Medicina fez com que os professores, em sua maioria, se posicionassem contrários a ela. John C. Bugher alertou Watson que, por princípio, a Rockefeller não poderia interferir na composição dos quadros docentes, mas “será difícil conceber que uma universidade considere seriamente nomear um homem que prostituiu todos os princípios básicos da ciência”⁴³. A correspondência trocada sobre o caso, entre Watson, John C. Bugher e Dean Rusk, evidencia que, se não poderiam interferir publicamente, informaram à direção da Faculdade e da Capes que a nomeação não seria bem recebida e poderia ter consequências negativas. Samuel Pessoa não obteve a posição.

A contenção do comunismo, leia-se, a influência de Pessoa, se faria pela negativa de bolsas e auxílios a ele e a seus discípulos, assim como pelo apoio a professores e a departamentos de parasitologia e medicina tropical que estivessem fora de sua órbita. Segundo Watson, a própria direção da Capes partilhava esse objetivo:

A Capes deseja estabelecer um centro de treinamento em parasitologia em Belém para se contrapor à influência de Samuel Pessoa, que tem treinado jovens, ao longo dos anos, tanto em parasitologia quanto em atividades políticas subversivas, apesar de estar agora aposentado. No entanto, sua influência ainda é grande no país.⁴⁴

Bastaria uma associação com Pessoa para que solicitações sequer fossem consideradas. A participação em fóruns com influência soviética, visitas a países comunistas (*fellows travellers* ou companheiros de viagem), mesmo sem filiação ao PCB, seriam razões para veto. Um problema recorrente eram candidatos que teriam sido comunistas ou flertado com o comunismo no passado, assim como o desconhecimento das “regras não escritas” ou dos vínculos políticos do candidato por parte de professores e diretores que indicavam “suspeitos”. A negativa a candidatos que participassem de alguma organização ou ato antiamericano, ou tivessem um “passado comunista”, dependeria de informações mais precisas e da decisão discricionária de Watson à luz das perspectivas de atuação da Rockefeller.

⁴² *Ibidem*. Trad. livre do autor: “RF did not approve of P. nor would RF support him”.

⁴³ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de John C. Bugher a Robert Briggs Watson*. Rockefeller Foundation records, RG 1.2, Project/Brazil, Series 305A, Box 10, Folder 92: Universidade de Minas Gerais (Faculdade de Medicina), 5 jul. 1956. Trad. livre do autor: “it will be difficult to conceive that a university would give serious consideration to appointing a man who has so prostituted every basic principles of science”.

⁴⁴ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Extrato de carta de Robert Briggs Watson a Rolla B. Hill*. Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305A, Box 51, Folder 334, 24 maio 1956. Trad. livre do autor: “Capes wants to establish a training center in parasitology at Belem to counteract the influence of Samuel Pessoa, who has trained young men in both parasitology and subversive activities for years, although is now retired. However, his influence is still much very felt in the country”.

Os casos são variados e, alguns, exemplares. Um deles é o de Maurício da Rocha e Silva (1910-1983), médico e farmacologista, então no Instituto Biológico de São Paulo. Segundo registro de setembro de 1955, Rocha e Silva demandara apoio de pesquisa, mas a Rockefeller foi informada, pelo cônsul-geral dos EUA, de que a ele não seria concedido um visto, pois havia sido um dos brasileiros que participaram do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, promovido pelo Conselho Mundial da Paz, considerada uma organização comunista de fachada, em Helsinki, em 1955⁴⁵. Na direção da Faculdade de Medicina da USP - Ribeirão Preto, Zeferino Vaz (1908-1981), que contava com apoio da Rockefeller, tentou reverter, anos depois, em 1961, a rejeição a uma nova solicitação de auxílio para viagem de Rocha e Silva, acionando diretamente Anísio Teixeira⁴⁶. Uma década antes, Vaz tinha sido alvo da mesma desconfiança e escrutínio da filantropia estadunidense por conta de atividades políticas passadas, mas estas não inviabilizaram, na década seguinte, um suporte decisivo a ele na FMUSP-Ribeirão Preto (Marinho *et al.*, 2024). Foi uma das poucas exceções que confirmam a discricionariedade.

O caso do médico Abraam Fajer, responsável pela seção de endocrinologia do Departamento de Fisiologia da FMUSP, revela facetas da ação anticomunista da Rockefeller. Em março de 1956, Watson foi consultado pelo chefe do departamento, Franklin Moura, sobre a possibilidade de bolsa para Fajer, “um moço de grande atividade e notável capacidade de trabalho”⁴⁷. O diretor da FMUSP solicitou a Watson que recebesse Fajer pessoalmente e reforçou o pedido de uma bolsa de estágio no Reino Unido⁴⁸. Um bilhete anexado à solicitação de Moura informava, em caráter confidencial, que “Abraam Nicolau Fage [sic] foi preso em 1952 como membro comunista da UNE (União Nacional dos Estudantes). Foi líder de greve estudantil. Informado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social)”⁴⁹.

Esse bilhete evidencia que a Rockefeller recebia informações contidas nas fichas e nos prontuários de candidatos nos DOPS estaduais. Dada a insistência da direção da FMUSP, foi acordado, após consulta a Nova York, que ele solicitaria um visto de entrada nos EUA. A concessão do visto significaria sua “liberação” para que seu pedido fosse considerado, apesar do registro de comunista na polícia. Depois de quatro meses de indefinições, o diretor da FMUSP informou a Henry H. Miller Jr., diretor da Rockefeller em Nova York, que Fajer

⁴⁵ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Institute of Biology*. Rockefeller Foundation records, Series 305, Brazil (I-C).

⁴⁶ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers' Diaries*. Rockefeller Foundation records, RG 12, Series Officers' Diaries, Box 497, Folder “Robert Briggs Watson, jan-may 1961”, f. 145.

⁴⁷ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de Franklin Moura a Robert Briggs Watson*. Rockefeller Foundation records, RG 12, Series 305A, Box 51, Folder 334, 15 mar. 1956.

⁴⁸ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de Jayme Cavalcanti a Robert Briggs Watson*. Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305A, Box 51, Folder 334, 16 mar. 1956.

⁴⁹ Trad. livre do autor: “Abraam Nicolau Fage [sic] arrested in 1952 as communist member of the UNE (União Nacional de [sic] Estudantes). Head of a strike of students. Passes by Dops (Departamento de Ordem Política e Social)”.

teria ido ao consulado, onde lhe informaram que a solicitação de visto não fazia sentido, pois a viagem seria para a Escócia e a bolsa sequer havia sido concedida. Jayme Cavalcanti solicitou, então, a postergação da avaliação de seu pedido, pois, além das dificuldades mencionadas, Abraam Fajer aceitara um convite para estagiar no Instituto Weizmann, em Israel⁵⁰.

As estratégias utilizadas para investigar os candidatos nem sempre eram acolhidas pelas representações diplomáticas dos EUA no Brasil. Por vezes, ocorria o inverso, quando Watson desconfiava da concessão de visto a um candidato suspeito. Esse foi o caso de Victor Nussenzweig (1928-2025), um destacado discípulo e assistente de Samuel Pessoa, que trabalhou na Escola Paulista de Medicina, por empréstimo da FMUSP, entre 1961 e 1962. Dadas as necessidades do Departamento de Imunologia, seu chefe, Otto Bier (1906-1985), insistiu com Watson na contratação de Nussenzweig, assegurando que, além de excelente pesquisador, ele havia deixado de ser comunista. Todavia, Watson, que já o vetara anteriormente, comentou em seu diário: “Nos questionamos sobre isso”. As suas atividades políticas como estudante, bem como sua associação com Samuel Pessoa, eram obstáculos intransponíveis para seu estabelecimento na EPM com apoio da Rockefeller.

Para obter a “certificação”, Watson sugeriu que o candidato requeresse um visto de entrada nos EUA, que lhe foi negado⁵¹. Em 1962, Nussenzweig, que insistia estar “limpo [politicamente] e queria ir para os EUA”, foi aconselhado por Bier a solicitar novamente um visto. Ao ser informado de que não poderia obtê-lo, protestou, e o consulado de São Paulo concordou em reabrir o caso. O pedido foi ressubmetido e o visto concedido. Watson, atônito com o resultado, anotou: “Eu não entendo esse negócio. Aqui está um homem que, nos disseram, é um bem conhecido comunista”. E concluiu laconicamente: “Talvez eles tenham mudado, ou talvez nós tenhamos mudado”⁵².

Poucos meses antes de fechar o escritório do Rio de Janeiro e retornar definitivamente aos Estados Unidos, Robert Briggs Watson percebeu que a dinâmica da Guerra Fria estava mudando, especialmente na América Latina. Depois da Revolução Cubana, o cenário e a política estadunidense para a região se modificaram, com ênfase em programas para o desenvolvimento e redução da pobreza como forma mais eficaz de impedir a expansão do socialismo, para além da contenção e da repressão. O lançamento da Aliança para o Progresso e a criação da Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID), em 1961, resultam dessa nova orientação da política externa estadunidense. O papel de Watson e da Fundação

⁵⁰ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Carta de Jayme Cavalcanti a Henry H. Miller Jr.* Rockefeller Foundation records, RG 2, Series 305A, Box 51, Folder 334, 28 ago. 1956.

⁵¹ ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers' Diaries.* Robert Briggs Watson. Rockefeller Foundation records, RG 12, Series Officers' Diaries, Box 497, Folder “RBW, jan.-maio 1960”, f. 106.

⁵² ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER, Sleepy Hollow, NY. *Officers' Diaries.* Robert Briggs Watson. Rockefeller Foundation Records, RG 12, Series Officers' Diaries, Box 497, Folder “RBW, jan.-maio 1961”, f. 93. Trad. livre do autor: “I don't understand this business. Here is a man who, we were told, is a well-known communist... Maybe they have changed, or maybe we have changed”.

Rockefeller na luta contra o comunismo jamais voltaria a ser o mesmo, nem teria a relevância que outrora possuía ao chegar ao Brasil no verão de 1954.

Considerações finais

A Fundação Rockefeller desempenhou um papel importante no Brasil durante a Guerra Fria. Além de promover a modernização da educação médica e da pesquisa biomédica, com programas próprios e em associação com a Capes, a Fundação também atuou na contenção do comunismo, impactando políticas e instituições no campo da ciência e da medicina. A filantropia estadunidense foi parte integrante de duas dimensões da política externa dos Estados Unidos, na medida em que a ciência e a educação eram campos de disputa ideológica e geopolítica durante a Guerra Fria.

Por um lado, a Fundação Rockefeller foi um agente da diplomacia científica; por outro, ao integrar o combate aos comunistas no campo biomédico, envolveu-se na dimensão repressiva do anticomunismo. Essa dupla face de sua atuação implicava a introdução de critérios políticos em processos de seleção e avaliação de professores e pesquisadores que, por princípio, deveriam basear-se exclusivamente no mérito. As soluções para essas tensões refletiram as complexidades da Guerra Fria em contextos locais, como no caso brasileiro, onde a implementação de programas de educação médica ocorreu em um ambiente acadêmico e profissional com expressiva presença de comunistas.

Robert Briggs Watson foi uma figura central nesse processo, não somente por coordenar os programas da Fundação por uma década, mas também por seu radicalismo anticomunista. Seus diários e correspondências revelam suas ideias e as estratégias que utilizou para a filtragem política e ideológica de candidatos a bolsas e projetos de financiamento. Esse escrutínio tornou-se viável por meio da constituição de uma rede de investigação e informação confiável e informal, capaz de identificar candidatos considerados suspeitos. Para isso, Watson forjou uma aliança que incluía principalmente dirigentes da Capes e de órgãos governamentais, diplomatas estadunidenses no Brasil, ex-bolsistas da Rockefeller, professores e dirigentes de escolas de medicina e institutos de pesquisa, além de políticos brasileiros. Ainda que essa ação fosse ilegal em programas governamentais, há claros indícios de que contou com a aquiescência da Capes e dessa rede de informantes. A cada solicitação de bolsa ou financiamento, essa rede era acionada, informações eram coletadas e, algumas vezes, Watson delas desconfiava quando não correspondiam às suas expectativas. Seu “ódio” ao comunismo o tornou “mais realista que o rei”.

O anticomunismo de Watson e sua percepção sobre a ameaça comunista no Brasil advinham de sua experiência na Ásia e do ambiente de “caça às bruxas” que vigorava nos Estados Unidos no início da década de 1950. Em alguns casos, como o de Samuel Pessoa, Watson

travou uma Guerra Fria quase particular. Nesse sentido, seu anticomunismo deixou uma marca pessoal indelével nos programas da Rockefeller, próprios ou em cooperação com a Capes, o que, por vezes, gerava desacordos até mesmo entre seus aliados.

Como identificar comunistas? Em meio a uma multiplicidade de interesses nem sempre convergentes, decisões foram tomadas, orientações seguidas e, muitas vezes, reformuladas localmente, a partir da interação de Robert Watson com seus interlocutores brasileiros e estadunidenses. À luz da política nacional e internacional da década de 1950, o escritório da Fundação Rockefeller, no centro da cidade do Rio de Janeiro, foi um campo de batalha da Guerra Fria Global.

Agradecimentos

Agradeço as críticas e sugestões dos pareceristas anônimos e de Simone Kropf. O artigo é resultado de pesquisa que contou com apoio de bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq e de Grant-in-Aid do Rockefeller Archive Center. É dedicado a Victor Nussenzweig (1928-2025), cientista brasileiro.

Referências

ABRAHAMSON, Eric John; HURST, Sam; SHUBINSKI, Barbara. *Democracy & Philanthropy: The Rockefeller Foundation and the American Experiment*. Nova York: The Rockefeller Foundation, 2013. cap. 5, p. 144-165.

BARANY, Michael. Fellow Travelers and Traveling Fellows: The Intercontinental Shaping of Modern Mathematics in Mid-Twentieth Century Latin America. *Historical Studies in the Natural Sciences*, v. 46, n. 5, p. 669-709, 2016.

BARANY, Michael. Rockefeller Bureaucracy and Circumknowing Science in the Mid-Twentieth Century. *International Journal for History, Culture and Modernity*, v. 7, p. 779-796, 2019.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Os limites do financiamento de bolsistas da Fundação Rockefeller: Maria Palmira Macedo Tito de Moraes e a enfermagem internacional, 1936-1966. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 30, e2023046, 2023.

BATISTA, Ricardo dos Santos. A Modernização do Ensino na Escola Paulista de Medicina e a Fundação Rockefeller, 1956-1962. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 31, e2024074, 2024.

BATISTA, Ricardo dos Santos; FERREIRA, Luiz Otávio. Haydée Guanais Dourado: formação profissional e financiamento da Fundação Rockefeller (1941-1956). *História da*

Enfermagem-Revista Eletrônica (HERE), v. 15, p. e001, 2024.

BENEST, Serge. The Politics of Funding: The Rockefeller Foundation and French Economics, 1945–1955. *Journal of the History of Economic Thought*, v. 44, n. 3, p. 323-43, 2022.

BERMAN, Edward. *The Ideology of Philanthropy: The Influence of the Carnegie, Ford, and Rockefeller Foundations on American Foreign Policy*. Albany: State University of Nova York Press, 1983.

BIRN, Anne-Emanuelle. Backstage: the Relationship Between the Rockefeller Foundation and the World Health Organization, Part I: 1940s-1960s. *Public Health*, v. 128, n. 2, p. 129-40, 2014.

FARLEY, John. *To Cast Out Disease: A History of the International Health Division of the Rockefeller Foundation (1913-1951)*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2004.

FEE, Elizabeth; CUETO, Marcos; BROWN, Theodore M. *The World Health Organization: A History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

GEMELLI, Giuliana (org.). *The “Unacceptables”*: American Foundations and Refugee Scholars Between the Two Wars and After. Bruxelas: Peter Lang, 2000.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GRANDIN, Gregg. *The Last Colonial Massacre: Latin America and the Cold War*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

HOCHMAN, Gilberto; PAIVA, Carlos Henrique Assunção. Parasitology and Communism: Public Health and Politics in Samuel Barnsley Pessoa’s Brazil. In: BIRN, Anne-Emanuelle; NECOCHEA LÓPEZ, Raúl (org.). *Peripheral Nerve: Health and Medicine in Cold War Latin America*. Durham: Duke University Press, 2020. p. 132-157.

HOCHMAN, Gilberto. Samuel Barnsley Pessoa e os determinantes sociais das endemias rurais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 425-31, 2015.

JOSEPH, Gilbert M. What We Now Know and Should Know: Bringing Latin America More Meaningfully into Cold War Studies. In: JOSEPH, Gilbert M.; SPENSER, Daniela (org.). *In from the Cold: Latin America’s New Encounter with the Cold War*. Durham: Duke University Press, 2008. p. 3-45.

JOSEPH, Gilbert M. Border Crossings and the Remaking of Latin American Cold War Studies. *Cold War History*, v. 19, n. 1, p. 141-170, 2019.

KORNDÖRFER, Ana Paula. A atuação da Fundação Rockefeller na formação de quadros em saúde pública através dos Fellowship Cards (Brasil, 1917-1951). *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 148-155, 2016.

KRIGE, John. The Rockefeller Foundation Confronts Communism in Europe and Anti-Communism at Home: The Case of Boris Ephrussi. In: KRIGE, John. *American Hegemony and the Postwar Reconstruction of Science in Europe*. Cambridge: The MIT Press, 2006. p. 115-151.

LAMONT, Corliss. *Freedom is as Freedom Does – Civil Liberties Today*. Nova York: Horizon Press, 1956. Disponível em: https://www.columbia.edu/cu/lweb/digital/collections/cu/texts/ldpd_8331676_000/. Acesso em: 10 jun. 2025.

MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha *et al.* The Modernization of Medical Education in Brazil: Rockefeller Foundation Funding and the Ribeirão Preto Medical School in a Development Context (1951-1964). *Historia Crítica*, Los Andes, n. 93, p. 53-78, 2024.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Baeta Vianna, o laboratório de bioquímica e a Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (1913-1964). In: MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha; MOTA, André; CAMPOS, Cristina de (org.). *Racionalidades em disputa: intervenções da Fundação Rockefeller na ciência, medicina e práticas médicas do Brasil e América Latina*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina; UFABC; Universidade do ABC; CDG, Casa de Soluções e Editora, 2015. p. 35-53.

MIRANDA, Gabriela Alves. *Embaixadores da Medicina Soviética: médicos comunistas, saúde e propaganda política no Brasil (décadas 1930/1950)*. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Niterói: Eduff, 2020.

MUELLER, Tim B. The Rockefeller Foundation, the Social Sciences, and the Humanities in the Cold War. *Journal of Cold War Studies*, v. 15, n. 3, p. 108-135, 2013.

NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto de Sá (org.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

PALMER, Steven. *Gênese da saúde global: a Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2015.

PARMAR, Inderjeet. *Foundations of the American Century: The Ford, Carnegie, and Rockefeller Foundations in the Rise of American Power*. Nova York: Columbia University Press, 2012.

PIEPER MOONEY, Jadwiga E.; LANZA, Fabio (org.). *De-Centering Cold War History: Local and Global Change*. Londres: Routledge, 2013.

REZNIK, Luís. *Democracia e segurança nacional: a polícia política no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

SCHNEIDER, William H. The Model American Foundation Officer: Alan Gregg and the Rockefeller Foundation Medical Divisions. *Minerva*, Lisboa, v. 41, n. 2, p. 155-166, 2003.

SCHRECKER, Ellen. *No Ivory Tower: McCarthyism and the Universities*. Nova York: Oxford University Press, 1986.

SPENSER, Daniela. Standing Conventional Cold War History on Its Head. *In*: JOSEPH, Gilbert M.; SPENSER, Daniela (org.). *In from the Cold: Latin America's New Encounter with the Cold War*. Durham: Duke University Press, 2008. p. 381-395.

WANG, Jessica. *American Science in an Age of Anxiety: Scientists, Anticommunism, and the Cold War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999.

WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ZUNZ, Olivier. *Philanthropy in America: A History*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

Recebido: 09 de fevereiro de 2025 — Aprovado: 11 de julho de 2025

Editores responsáveis: Ricardo dos Santos Batista e Silvia Liebel